

escritos dos seus pensadores. A salvação das bibliotecas deveu-se, então, ao nascimento e à disseminação do cristianismo: Toda a cultura viu-se obrigada a refugiar-se nos conventos e mosteiros, que, tanto no médio Oriente como na própria Europa, passaram a ser os únicos refúgios dos escritores, dos copistas e dos guardiões de seus trabalhos. Cada mosteiro passou a ser um centro de cultura, cada um deles passou a ter a sua biblioteca e o seu *scriptorium*, onde monges entusiasmados e abnegados se dedicavam à escrita, à cópia, à guarda e à conservação dos livros. Um dos mais célebres *scriptoria* desse tempo foi o do mosteiro de Monte Cassino, cujas valiosas e belas obras foram fruto da infinita paciência e do incomparável senso artístico dos seus monges copistas. Uma outra biblioteca que ficou famosa foi a de Bobbio, já no século VI, fundada pelo monge irlandês São Columbano. Desta só nos restou o catálogo, conservado na Biblioteca Ambrosiana de Milão. Não nos esqueçamos destes fatos, cada vez que escutarmos os repetidores de frases-feitas se referirem à Idade Média tachando-a de "Idade das Trevas".

A partir do século XIII, com o nascimento das cidades e das universidades na Europa, as bibliotecas começaram a sair dos mosteiros e a surgir nessas novas instituições. Não queremos dizer, contudo, que os mosteiros tivessem perdido os seus livros e as suas valiosas coleções. De fato, as universidades, que na sua maior parte ainda pertenciam à Igreja e aos seus monges, pouco a pouco assumiam a sua independência e começavam a organizar as suas próprias bibliotecas.

Mas, só a partir do século XV, com a invenção da imprensa, é que o livro foi-se tornando um objeto prático, com produção mais fácil e mais rápida, forçando as bibliotecas a se desenvolverem com novos critérios e num ritmo também mais ágil. Entre as maiores e mais famosas bibliotecas da Europa, surgidas entre os séculos XV e XVIII, podemos citar a Vaticana, fundada pelo papa Nicolau V, em 1455, a Colombina, de Sevilha, fundada em 1551 por um filho de Cristóvão Colombo, e a Ambrosiana, já em 1609, iniciada pelo cardeal Frederico Borromeu, de Milão, onde permanece guardado um manuscrito de Virgílio, anotado por Petrarca. Mais ou menos na mesma época, Thomas Boddley funda a Biblioteca Bodliana, de Oxford; em 1643, por ordem do